



PAI AMÉRICO



**Domingo, 16 de Julho, às 16 horas
na Sé Catedral do Porto
sessão solene de encerramento
do Processo de Beatificação
com a presença de muitos Amigos**

NESTE findar de século e de milénio em que o Papa convoca à Nova Evangelização e as Igrejas Diocesanas, quase todas, assumem como prioridade pastoral a Evangelização dos seus povos, se situa a introdução do Processo de Beatificação deste «homem de um só Livro», que o *sabia*, não com a ciência dos teólogos, mas com a sabedoria dos profetas.

«Tende medo de um homem de um só Livro!», dizia ele, como quem previne: que é vã toda a resistência aos que bebem exclusivamente do Evangelho e agem com a energia d'Ele assimilada; e que carecem de fundamento todas as dúvidas, porquanto «um obreiro do Senhor vê a Obra feita antes de começada».

Como Teresinha de Lisieux que exultou de alegria ao descobrir o seu lugar na Igreja — «No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor; e com o amor serei tudo» — também Pai Américo podia ter dito: «A minha vocação é o amor»; e o meu modo

de consumá-lo será na desmitificação da Utopia do Evangelho.

A Utopia Evangélica não cabe no significado de «projecto fantástico, irrealizável, quimera» que os dicionários dão e está no senso dos homens enterrados no mundo.

Penso que no conceito de utopia nada há de paralisante; antes, sempre ela constitui um desafio à transcendência do homem. Mas, quando este apelo vem do próprio Deus e nos é comunicado em palavra de ordem, tal como a de Jesus: «Sede perfeitos como o vosso Pai Celeste é perfeito» — temos, mesmo, de pensar a utopia como uma fonte de dinamismo que deve fazer-nos tender para uma perfeição que nunca atingiremos plenamente, mas da qual nos vamos aproximando incessantemente até ao grau em que seremos fixados para sempre, quando «O virmos tal como Ele é».

Cristo veio fundar o Reino de Deus entre os homens e quer que o Reino se firme e cresça e evolua para Reino dos Céus.

Utopia?...! Sim..., se Ele não ficasse connosco, não colocasse ao nosso alcance os valores próprios do Reino que o Evangelho ensina e guarda; e não fecundasse com a Sua graça a esterilidade natural no homem para os projectos de

Eternidade. Mas Ele ficou e está no meio de nós. Pai Américo mergulhou completamente nesta certeza e viveu a partir dela.

«Apaixonado por Cristo», fundado na imanência dos valores absolutos da Verdade e da Justiça, que não são nomes abstractos mas Vida e fonte de Vida, mesmo «sem ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos, gastou-se, como Eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo». Acreditou no Evangelho, *jogou* com os valores do Evangelho — e aí está a Obra que ergueu em Nome e pelo Nome Santíssimo de Jesus, a creditar o Evangelho, a demonstrar aos homens que

Ele é um programa possível. Também utópico, sim, na medida em que há-de ir crescendo em perfeição até ao fim do *Tempo*; e lento neste crescer porque confiada a sua realização aos homens, lentos em acreditar e ainda mais lentos no sucesso conseguido sobre o seu orgulho que os levaria à verdadeira vitória: a nossa livre e decidida rendição à Graça.

Por todos os bens que Pai Américo fez, julgo que foi este bem maior o seu grande objectivo: Acreditou e ajudou muitos a acreditar. Amou e fez que muitos amassem «em obras e em verdade», que é este o selo que autentica o amor.

Por isso, neste dia aniversário — 39 anos que

passaram tão depressa! — é com muita confiança que entregamos ao Juízo da Igreja o seu Processo de Beatificação.

Domingo, 16 de Julho de 1995, às 16 horas, na Sé Catedral do Porto, o Tribunal Eclesiástico terá, entre nós, a sua última sessão. Sessão solene, presidida pelo Bispo da Diocese e esperamos que assistida por outros Bispos e por multidão de Amigos que acreditam e beneficiaram das virtudes heróicas de Pai Américo.

E se a Igreja requer milagre para a Sua decisão, cabe-nos implorá-lo e merecê-lo.

Oremos, pois.

Padre Carlos

Boas notícias

O nosso Padre Baptista *anda num sino* de contente pelo empenho de muitos párocos e vicentinos de Viseu na reconstrução de habitações degradadas para famílias pobres de suas terras.

Contou o que tem visto nas visitas periódicas que faz àquela região. Os auxílios que tem distribuído e ajudado a fazer maravilhas. Numa das paróquias já reconstruíram e estão habitadas treze casas. Noutra, cinco. Em mais outra, três. E por aí fora.

Os vicentinos desempenham, com alma, as suas tarefas. Foi para tarefas como estas que a Igreja os aceitou. Vida activa, de caridade, de compromisso.

No princípio da vida da Igreja era esta, especificamente, a missão dos primeiros diáconos. Os Apóstolos escolheram cristãos dos melhores e instituíram-nos diáconos para cuidarem dos órfãos, das viúvas, dos mais pobres. Mais tarde, esta missão

Património dos Pobres

foi confiada às Conferências de S. Vicente de Paulo.

Chocam-nos sempre os vicentinos queixosos: — Que hoje já não há trabalho para a sua missão nem Pobres a quem distribuir senhas; e, se os há, não são como antigamente. Agora, exigentes e ingratos, não se contentam com pouco.

Ficamos com a impressão de que os Pobres o são para servirem os vicentinos; e, muitas vezes, para abafarem a consciência que morde.

O Padre Américo, logo no princípio, quando sentiu dentro de si a *moção do Espírito de Deus* para cuidar da construção de casas para os sem-casa, a que deu o nome de Património dos Pobres,

na viagem que fez do Porto a Lisboa descobriu a quem havia de entregar e confiar a tarefa que o atormentava: às paróquias e seus vicentinos.

Ainda em vida viu o bom resultado desta entrega. As comunidades onde os vicentinos se agarraram à construção de casas teve efeito. Hoje ainda continua. Há delas que nunca mais pararam!

Estão de parabéns os párocos e vicentinos de Viseu que tomaram a peito esta tarefa e desfrutem o bom resultado. Não percam o entusiasmo de servir e sintam-se comprometidos com esta missão que a Igreja lhes confiou.

Que todos os párocos e vicentinos de Portugal olhem de frente para os sem-abrigo e tomem à sua conta, a exemplo dos de Viseu, a grande aflição nacional que é o problema da habitação para os carenciados dela. Se assim for, teremos em parte o problema resolvido e todos nos sentiremos de consciência mais tranquila.

Ninguém se julgue dispensado.

Padre Horácio

Conferência de Paço de Sousa

AFLIÇÃO — Para além das nossas assíduas visitas domiciliárias, em certos casos o Pobre mais aflito procura-nos de imediato.

A nossa frente, um homem simples com voz trémula: — *A gente vemo-nos atrapalhados, q'o pouco que recebo (pensão de velhice) não dá p'ra tudo... Há dois anos que tenho um filho doente (seropositivo). Agora, outro com baixa também come do mesmo prato...*

Vamos ajudar na medida do possível.

Foi trabalhador duma nobre arte que, em resultado da extraordinária evolução tecnológica, parece estar quase em extinção! Sobreviverá, no entanto, por imperativo da Cultura.

Não perdeu o gosto pelo livro, pela letra de forma. Saboreia, de borla, a gazeta do dia num café da Vila, ávido de notícias desta *aldeia global* que é hoje o nosso Mundo. Acenuamos o seu manifesto interesse pela música.

Apesar de tudo..., tem a grande virtude de se integrar no meio, qual vitória da sua caminhada — até ao Fim.

Já abordámos o filho — vítima da sida. Escutámos desabaços, dificuldades que sofrem. Curiosamente, o moço dá a volta. Não se assume como é, pois não quer ser excluído, marginalizado. Intuitivamente, defende a privacidade, a dignidade dos filhos de Deus.

PARTILHA — Cheque da assinante 11493, da Rua da Boavista, Porto, «*minha contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus*».

Mais 11.000\$00, do casal-assinante 11902, de Fundão, com «*a mesada referente ao corrente mês de Junho*».

Assinante 57002, da Senhora da Hora:

«*Junto 15.000\$00, meu pequeno contributo para os Pobres da Conferência. Distribuirão como melhor entenderem. Infelizmente as necessidades são cada vez maiores, principalmente para os desempregados, para os doentes. Não me agradeçam. Apenas dou uma migalha para que, junta a muitas outras, possa contribuir para minorar o sofrimento de alguns dos nossos irmãos. Peço uma oração por mim e por todos os meus familiares.*»

A assinante 113 «*deseja que 20.000\$00 sejam entregues à Conferência de Paço de Sousa para ajudarem qualquer dos casos apontados. São todos importantes. Que o Senhor aceite em acção de graças todo o bem que me vai dando.*»

A presença assídua de «*uma Assinante de Paço de Arcos*» com «*a partilha de Maio/Junho, saudações fraternas e muita amizade*», que retribuimos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Associação de Antigos Gaiatos e familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Realizámos o Encontro/Convívio em 4 de Junho. Um dia bem passado, com muita

Pelas CASAS DO GAIATO

animação e desporto. Todos os participantes nas provas desportivas foram premiados.

Sentimos alegria com os presentes e saudade dos ausentes.

Contamos contigo no piquenique que realizaremos na Senhora da Piedade, em Tábuas — Miranda do Corvo, a 3 de Setembro.

OUTRO ASSUNTO — Tens certamente conhecimento do Processo de Beatificação de Pai Américo, cujo encerramento documental está marcado para 16 de Julho, à tarde, na Sé Catedral do Porto.

Os filhos anseiam participar em actos que honram seus pais. Vamos marcar presença na Sé do Porto, na homenagem que será prestada ao querido Pai Américo. Pela entrega total ao serviço dos rapazes da rua, doentes abandonados, pobres sem tecto.

Dá provas da tua gratidão. Comparece.

Se resides na zona Centro do País, fica atento ao correio. Estamos a organizar uma excursão que partirá de Coimbra, na qual te poderás inscrever.

Não fáltes!

José Martins

PAÇO DE SOUSA

ESCOLA — Terminou o ano lectivo. A maioria dos aproveitamentos. Alguns estão contentes por terem acabado as aulas.

PRAIA — O primeiro turno de rapazes já foi para Azurara, desejosos de conhecerem outros rapazes e raparigas.

CARA NOVA — Chegou um, de Aveiro, chamado Marco Aurélio. Ele que aproveite...

CHUVA — Veio chuva. Foi boa para os campos ficarem regados.

VISITAS — Continuamos a receber bastantes visitantes e excursões, especialmente nos fins-de-semana.

Também, mais uma vez, esteve connosco a excursão conhecida por *Janota*. Como sempre, animaram a tarde com um grupo musical e a saborosa merenda de que gostámos muito. Agradecemos o que deixaram.

OBRAS — As obras continuam bem. Já estão a acabar a casa 4 r/c. Depois, seguem para outro lado.

RAPANÇO — Alguns rapazes que fizeram asneiras, receberam um castigo. Rapados à máquina zero. Bem merecido!

UMA VIAGEM — O «Pepino» ganhou uma viagem

a Paris, à Disneylândia, como o prémio abrangia duas pessoas, levou, por companhia, uma senhora de nossa Casa — a menina Preciosa.

Tudo correu bem. E está admiradíssimo por tudo o que viu.

«Cato»

FUTEBOL — Mais uma época futebolística chegou ao fim, com um bom saldo de aproveitamento.

Depois de muitos jogos, entrámos no torneio da Páscoa, organizado pelo F.C.S. Lourenço, tendo nós conquistado o primeiro lugar. Seguimos depois para outro. Foi em Galegos (Penafiel). Também arrecadámos o primeiro lugar num torneio quadrangular, organizado pela comissão de festas daquela terra.

No primeiro jogo defrontámos uma equipa de Cabeça Santa (Penafiel) e ganhámos por 15-2.

No dia 25 de Junho, jogámos a final com uma equipa de Rans (Penafiel). Jogo muito confuso porque o adversário quis complicar a tarefa, mas conseguimos ganhar por 4-1. Mais uma vez demonstrámos a nossa camaradagem e coesão no seio do grupo.

Agradecemos à organização que se disponibilizou para nos vir buscar e trazer. Muito obrigado. Correu tudo bem.

A nossa estatística futebolística desta época foi a seguinte: 37 jogos; 29 vitórias; 5 empates; 3 derrotas; 212 golos marcados e 68 sofridos. Também os nossos infantis tiveram um bom saldo: 3 jogos; 3 vitórias, 33 golos marcados e 4 sofridos. Foi uma pena o número de encontros ter sido tão pequeno. Esperamos que, na próxima época, os nossos miúdos façam mais jogos.

Agora entrámos no desfo. Não é possível realizar desafios porque alguns atletas foram para férias.

Repórter X

BENGUELA

ESTUDO — No que diz respeito ao estudo, tenho muita coisa para dizer. Escrevo da Casa do Gaiato de Benguela, cidade das acácias rubras, onde o ambiente está sempre vivo, mas com a escola e o estudo já não acontece a mesma coisa.

Informo os Amigos do nosso Jornal que os rapazes da 5.ª classe para diante estão super cansados de esperar pelo recomeço das aulas. É que os professores de Benguela estão em greve, há quase dois meses. — *Quando começam as aulas?* A resposta é sempre a mesma: — *Talvez para a semana.* Mas essa semana nunca chega! Estamos com receio de perder

o ano lectivo. No entanto, a esperança é a última coisa a morrer!

Nelito Tchimuku

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Estamos a construir uma casa nos Bujos. Está quase pronta e bastante bonita. Procedemos também à reconstrução dum muro no largo da entrada.

AGRICULTURA — Colhemos a batata do Olival dos Passos e depois será a da terra do Tio Jaime. A batata do Olival é quase toda grandita. O milho está crescido. As abóboras, também. O palheiro grande está cheio de palha.

GADO — As vacas estão bem gordinhas. Dão o leite saboroso que bebemos ao pequeno-almoço. Uma delas espera um(a) vitelinho(a).

ESCOLAS — Os estudantes de Coimbra terminaram as aulas. Tiveram, quase todos, notas razoáveis.

Os alunos da primária acabaram também com bom aproveitamento.

CATEQUESE — No fim do ano alguns fizeram a primeira Comunhão e o Baptismo. Uma festa muito grande e muito alegre. Seguiram em passeio a Fátima e todos trouxeram uma recordação.

FÉRIAS — O grupo dos «Batatinhas» foi para a praia em 26 de Junho. Nós temos férias, excepto os que se portam mal. Seguiremos por turnos, para a praia. E quando um grupo está lá, outro está cá a trabalhar. Mas no fim do trabalho há uma piscina para nos refrescarmos.

OFICINAS — Temos poucos rapazes nas oficinas, mas ocupados com trabalhos necessários às obras: aros das janelas, portas, roda-pés, etc.

VISITAS — Recebemos algumas, ao domingo. Uma excursão reparte sempre connosco e jogamos futebol com a sua equipa. Esperamos que venham mais — dentro deste espírito e amizade.

Rui «Pequeno»

TOJAL

FÉRIAS — O primeiro grupo partiu, há uma semana, para a adorada casa de praia. Como é tradição, uns merecem ir, outros não, conforme se portaram e também as notas que tiveram no fim do ano

refeição melhorada. Um dia para não esquecer!

VISITAS — Em 25 de Junho recebemos um grupo de 500 pessoas da Paróquia da Póvoa de Santo Adrião. Passaram o dia connosco e, à tardinha, partiram. Gostámos muito desta visita e esperamos que venham cá mais vezes.

OBRAS — Vamos ter um ringue, construído ao lado do campo de futebol. Será aproveitado da melhor forma, organizando-se vários jogos, e poderemos assim entreter a malta nas horas livres e nos fins-de-semana.

Miguel

Silêncio

*Sempre que ouço
Discursos demagógicos
E sentenças de morte
Cada vez gosto mais de ti
Ó silêncio!*

*Sempre que vejo
Protestos nas ruas das cidades
Em prol das igualdades
E contra as leis discriminatórias
Cada vez gosto mais de ti
Ó silêncio!*

*Sempre que penso
Que a humanidade
Não evolui a sua mentalidade
E continua escrava
Das guerras e das máquinas
Cada vez gosto mais de ti
Ó silêncio!*

Manuel Amândio

16 de Julho

A GORA que o Processo de Beatificação de Pai Américo está preparado para a fase final do julgamento em Roma, tudo nos parece ainda um sonho. Mas a realidade aí está: Da Igreja nos virá a Boa Nova de que o nosso querido Pai Américo será admitido entre os Bemaventurados.

Assim, vamos ficar a saber que aquele Homem tão bom que nos serviu de Pai, afinal não era só a figura de um Homem cheio de amor e de bondade, mas, mais do que isso, era um Homem com o cunho da Santidade. Agora é também do vosso conhecimento que Pai Américo — que connosco viveu e partilhou do nosso quotidiano — vivendo a nossa pobreza e todas as consequentes dificuldades, era sim um predestinado da Igreja.

Todos aqueles que tivemos a graça de com ele conviver, a esta hora temos de dar muitas graças por Deus nos ter concedido tamanha honra. E nenhum de nós era dela merecedor. Mas Deus escreve direito por linhas tortas.

Deus começa a manifestar-se quando o chama para a criação da Obra da Rua. A seguir à Sopa dos Pobres, organiza as Colónias de Férias. Aí eram ainda pequenas *marletadas* para o pôr à prova! A seguir vem a criação das Casas do Gaiato, através da Obra da Rua a que se votou com o maior entusiasmo. Aparece como o condutor das crianças abandonadas, dos sem-família, de todas as crianças infelizes deste País. Arduo trabalho o deste Homem!

A semente fora lançada e bem. Tudo floresceu. As Casas do Gaiato criaram-se por si. Sem directores, sem perfeitos, sem letrados. Os seus estatutos quase se resumiam ao seguinte: *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. Claro que a mão de Deus andou sempre à frente e Ele se encarregou de tudo. E os rapazes fizeram o resto. Foi por isso que se disse que esta Obra é de Deus e sendo d'Ele nunca nos faltou nada.

Esta família imensa começou por se auto-governar. E não era assim tão fácil. As crianças que primeiro entraram nas Casas do Gaiato vieram dos sítios de maior pobreza, quase todas abandonadas. E foi desta *massa* que Deus Se serviu para lhes dar o Pai que quase todos não tinham: o nosso Pai Américo.

Tudo foi obra e graça de Deus servida pelo nosso querido Pai Américo, aquele que queremos muito brevemente ver glorificado nos altares.

Nos tempos que passei em Paço de Sousa, nas pequenas e grandes coisas que iam acontecendo à nossa volta, sempre notámos que Ele pertencia a um mundo diferente daquele em que todos vivíamos.

E não era difícil compreender que a Graça Divina sempre o acompanhava, pois que sempre nos demonstrava dons inacessíveis a qualquer mortal.

Dentro de nós deixou sempre um rasto luminoso pela sua simplicidade e bondade, aliado a um bom coração e a um inextinguível amor ao próximo.

Se perguntássemos a pessoas que tivessem privado com Pai Américo, decerto não havia ninguém que não respondesse que foi o *Santo dos Pobres* e talvez seja por esse nome que, um dia, suponha, será conhecido quando subir aos altares.

Que Deus Se sirva de Pai Américo para repartir graças pelos seus gaiatos; por todos os doentes; pelos Pobres; por todos quantos tenham necessidades, sejam de que natureza for, e que com fé recorram a Pai Américo.

E que Ele, na hora da sua consagração, sempre se lembre de nós.

Fernando Marques

Malanje dia-a-dia

18/5/95

Agora, a preocupação deste povo sofredor: Fazer os adobes para repararem as paredes que as chuvas estragaram e arranjar barrotes ou «paus» e chapas para os telhados.

Somente, depois, o regresso às suas sanzalas, suas lavras e suas fontes ou rios. Não há sanzala sem a sua fonte, riacho ou rio. Sem água não há vida.

Os mais velhos não se adaptaram às cidades e vão regressar. Os novos estão confusos e vazios... A guerra gerou um monte de perturbações. Só a paz e uma nova ordem darão equilíbrio e serão terreno propício a uma reabilitação.

Uma gestação lenta e cheia de perigos que, implacáveis, esperam em cada esquina.

Assim aconteceu ao Carlitos — nosso desde os 5 anos — espancado por ladrões até à fractura de crâneo que o fa matando. Caminho longo, longo...

20/5/95

Os nossos campos de mandioca reverdecem e as hortaliças agarram-se ao húmus ansioso de vida. O Povo começa a circular pelos carreiros batidos: carvão, lenha e pequenas hortas nos baixios.

Ouvi hoje o canto das perdizes e, com alegria, notámos, de novo, a presença das abelhas nos telhados; regressaram também. Fenómeno cheio de encanto: sempre que nós regressamos, elas voltam! Vê-se que também não gostam mesmo dos canhões... Destroem as flores.

22/5/95

A Embaixada da Holanda deu-nos uma ajuda para a reparação das casas. A Embaixada da Alemanha prometeu outra. A Embaixada de Portugal deu-nos enxadas, pás e foices e promessa duma camioneta.

O projecto África-Amiga — Ministério da Cooperação Portuguesa — mandará mais um contentor de leite para as crianças débeis.

Tantos Amigos que têm feito chegar os seus donativos a esta Casa e às nossas Casas em Portugal... Não podemos esquecer o «contentor do Padre Cristóvão» (como dizem os rapazes!). Nele veio também o carinho do Padre Acílio e o da paróquia de Arroios. Esta, com 440 lençóis e tantas toalhas que, devido à entrada repentina de tantos rapazes — foram uma bênção. O Nutribem que nele veio — oferecido por uma Empresa — chegou a centenas de crianças.

Também no mesmo, dezenas de vídeo-filmes — recolhidos, copiados e embalados com todo o carinho.

Que o Senhor abençoe a todos e graças a Ele por tudo!

Padre Telmo

Cartas

Boa Nova

Um agradecimento profundo pela lídima pregação da Boa Nova contida em todas as páginas d'O GAIATO. E um voto fervoroso para que Jesus conceda as melhores bênçãos a todos os que militam nessa santa Casa.

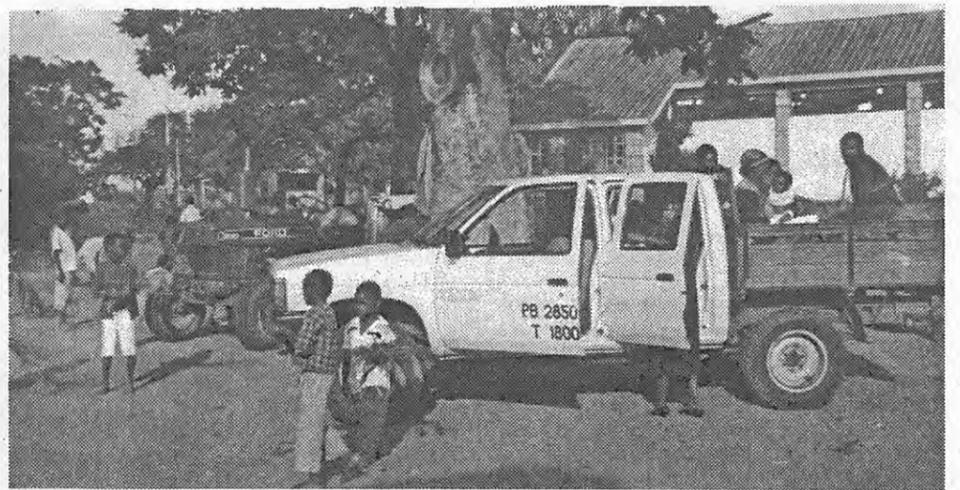
Assinante 20613

Há muita gente boa!

Muitas vezes eu digo: — Meu Deus, ainda há muita gente boa neste Mundo!

Primeiro, o valioso coração de Pai Américo. Que ele no Céu peça a Jesus por todos aqueles que na Casa do Gaiato o saibam imitar, com muito amor para as crianças que estão a seu cargo.

Assinante 13319



SETÚBAL

Problemas sociais

VIVENDO em contacto permanente com os mais pobres, sentimos bater na nossa consciência as ondas de toda a injustiça ou degradação social.

Somos como um pequenino rochedo ou montinho de areia situado na margem mais baixa de um lago infinito. Todas as ondas aqui vêm ter, transportando sempre na pequenina crista a dor, o sofrimento, a injustiça, e, às vezes, sem ninguém dar por isso, também revolta interior, causando-nos uma profunda e indefinível angústia.

O desemprego é uma dessas modernas vagas. Não há dia que não nos traga o atroz lamento: «estou sem trabalho»; e o conseqüente pedido de ajuda.

O desemprego tem muito que se lhe diga. Não me sinto com capacidade para fazer uma análise, mesmo sucinta, do fenómeno.

Conheço naturalmente muitas forças que o geram, alguns dos seus campos de batalha, as armas utilizadas, os métodos sintomaticamente semelhantes que trilham e os catastróficos resultados de todas as contendas laborais: a falência, os despedimentos com ou sem indemnizações, com ou sem salários pagos, a revolta e o mal estar próprio, familiar e social.

Na história pessoal, com quase quarenta anos neste distrito, não conheço um único caso onde os trabalhadores e as empresas tenham saído vitoriosos após um conflito laboral. Normalmente desembaraçam-se sempre derrotados.

Muitos empresários, quando surge o fogo, ou eles próprios o ateiem, põem os seus bens em nome de outrem para que não sejam sequer chamuscados pela chama da falência, e, passada a tagarelice da comunicação social, lá começam outra actividade ou a mesma com nomes diferentes, mais ajudas e outros trabalhadores humilhados e submissos.

O bem da empresa, da fábrica ou da oficina, fonte de pão, de vida e de alegria, nunca é posto em confronto. É pura e simplesmente relegado como se não existisse.

Confrontam-se, sim, os interesses da entidade patronal e os dos trabalhadores, acorrendo sempre, infalivelmente, as forças sindicais e patronais, não para ajudar ninguém, mas para aumentar a divisão e sob a capa hipócrita da defesa dos interesses, destruir tudo.

O diálogo amigo e interessado, a análise séria da situação financeira, das causas da dificuldade surgida e dos seus responsáveis, da viabilidade da empresa e dos sacrifícios que ela exigirá de todos, bem como dos benefícios futuros, naturalmente comuns; a petição fundamentada de protecção fiscal e a sua conseqüente benevolência por parte do Estado — são atitudes que a gente não vê em ninguém.

Neste ano da tolerância seria muito salutar que ao menos um caso se verificasse.

Esta cidade exposta ao mar, Setúbal, há cinquenta anos possuía mais de cem fábricas de conserva de peixe. É enriquecida com duas docas de pesca e mais estruturas favoráveis e valiosas. Não desfruta presentemente de nenhuma indústria conserveira. Tudo faliu.

Não haverá forma de preservar uma riqueza tão natural em Setúbal?!

Quando o peixe, pela abundância, se não vende ou se não dá, volta de novo ao mar; destruindo-se com estas acções o engodo natural de quem trabalha e a alegria irreprimível de quem faz uma pesca copiosa. Males terríveis, demolidores de um dos melhores bens do homem — o trabalho.

Se esta indústria exige muita mão-de-obra, se as estruturas são caras, se os empresários escaldados fogem dela, não haverá forma nenhuma de se preservar uma riqueza tão natural em Setúbal?! Não será socialmente mais rendoso ter uma fábrica pouco competitiva do que pôr o peixe fora?

Numa cidade algarvia uma fábrica destas entrou em falência por dever à Segurança Social quarenta mil contos. Fechou-se a fábrica e os trabalhadores passaram a receber subsídio de desemprego.

Não haveria uma maneira de manter os trabalhadores activos, a fábrica a produzir e a Segurança Social esperar ou mesmo perdoar?! Não seria socialmente muito mais rendível?

Cada caso não será um caso? Cada indústria não tem características próprias? Não deve ser tratada adequadamente?

A Sado Internacional custou milhões. Muitos milhões. Loiça e ladrilhos era a sua produção. Matéria prima abundante. Mais de uma centena de famílias tinha ali o seu suporte.

Salários em atraso. Conflito. Falência. A maior dívida era à Segurança Social.

Tudo fechado. Tudo pra rua. Menos o ódio, a instabilidade, a revolta. Males ingeridos e não digeridos.

Hoje os jardins são matagal. Não há um vidro inteiro. Painéis enormes de vidros grossos foram estilhaçados. Centenas deles.

Os fornos, as máquinas, os depósitos de energia etc., tudo estragado!

Uma desgraça, uma vergonha, uma desonra! O actual dono é a Segurança Social. Sim senhor! Boa imagem!

A quem serve ou a quem aproveitou tantos valores destruídos?

Não teria sido muito mais rendível que todos ganhassem um pouco menos: os donos, a banca, os operários, a Segurança Social? Assim quem ganha? — Ninguém.

Quem perdeu? — Todos e a Segurança Social tudo!

Só quando há anos passei por Moçambique é que vi quadros semelhantes em esqueletos de fábricas, outrora prósperas, destruídas ao tempo da Revolução por manobra de ódio selvagem semeada em corações desprevidos e incapazes de discernimento.

A responsabilidade deste mal recai sobre quantos o fomentam, quantos o não previnem e quantos lavam as mãos atirando a culpa aos outros.

Faltam-nos *homens!* Com *homens* todo o desemprego desaparece! O dedo deve ser apontado sobretudo a quem tem o dever e a missão de os formar. Vagas que não nos devem submergir, mas somente acordar! Apesar das dores!

Padre Acílio

DOCTRINA

Parece vaidade, mas não é; é desejo ardente de mostrar aos homens como nascem, como vivem e como morrem os Pobres — nossos irmãos.



EXCELENTÍSSIMA Senhora: Vai fazer agora um ano que me deram, para os Pobres, um cálix precioso, na maré dos peditórios; o qual V. fez o favor de inculcar, então, à comissão angariadora de objectos do culto para a Catedral de Lourenço Marques. Vim a saber, mais tarde, por alguém da própria comissão, que nenhum dos objectos adquiridos na ourivesaria sobrepujou em arte e em valor o nosso cálix. Tem, pois, V. boa opinião e autoridade para indicar às pessoas amigas a compra de novos artigos da mesma procedência; e é justamente a este ponto que eu quero chegar. Eu tenho um livro para colocar nas famílias de Lisboa. Não que eu seja escritor, mas os Pobres escreveram nele a sua vida; pelo que também ele, o livro, é uma peça de arte. Chama-se *Pão dos Pobres* e diz no frontespício, um nadinha à direita do nome, em desdobramento do dito: «Do que eu vi em casa deles e de como tratei seus filhos».

NÃO se cuide, porém, que vamos ter festa de caridade deslumbrante, pelo que vem no cartaz; não. Não vão gozar os sentidos com a leitura do livro, antes vai padecer a alma por saber quanto no mundo se sofre; e nisto está, precisamente, o segredo da sua arte. Na primeira semana do mês de S. Tiago, como o povo diz, todas as livrarias da Capital hão-de vender o *Pão dos Pobres* à gente rica da cidade; e calha bem, porquanto nunca, na história do Mundo, houve tanta gente pobre a procurar pão.

PODE garantir às pessoas a quem inculcar o livro, que cem por cem do que derem por ele é para ajudar os Pobres. E eu, por minha parte, garanto a V. que muitos que nunca em sua vida viram a cor nem conheceram os efeitos da fome, ao lerem as páginas do livro hão-de sentir em sua alma novos apetites, prenúncio de nova fome...! E outrossim me atrevo a garantir que quando eu for ver as gaiotas do Tejo, hei-de ouvir mais uma vez que entre a multidão dos livros alinhados nas montras dos livreiros, nenhum sobrepuja em arte e em valor o *Pão dos Pobres*. Assim seja.

O. Amín. 5/1

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

BENGLUELA

Quando somos devorados pelo zelo das crianças nunca estamos sós

COMECEI a escrever estas notas sentado na areia, com o mar pela frente. Não estava só. Quando somos devorados pelo zelo das crianças nunca estamos sós. Elas acompanham-nos sempre para onde quer que vamos. Consumem-nos a vida. Os pais não existem para outra coisa senão para serem consumidos pelos filhos. Sim, amorosamente consumidos pelos filhos. Pais e filhos felizes quando assim acontece.

Desta vez tinha a companhia de 170 meninos e meninas, de rapazes e raparigas transportados no nosso camião. A história duns e doutras é a mesma: abandono. Andavam contentes, conversando e brincando em grupos, como se estivessem entre irmãos.

Na última vez que fui à Penitenciária fiquei impressionado com o número de jovens ali detidos. Havia também um pequeno grupo de raparigas. O abandono a

que tinham sido sujeitos, ainda crianças, foi o ponto de partida. O ponto de chegada foi a cadeia. Esta é a trajectória normal da criança da rua. Ou se lhe dá a mão a tempo e horas e temos um cidadão útil; ou fica abandonada e é mais um peso morto que a Nação há-de levar.

A Casa do Gaiato quer dar a mão a tempo e horas. Outras Casas semelhantes querem fazer o mesmo. O trabalho é mais perfeito quando nasce da colaboração. As crianças colhem mais benefícios, deste modo. Há uma instituição de acolhimento para a primeira infância, desde os primeiros meses de idade. Meninos e meninas. Esta fase da vida pede e exige cuidados especiais, em que o coração da mulher tem um papel importantíssimo. Aqui são as Irmãs do Santíssimo Salvador as verdadeiras mães. Oh missão sublime! Ser mãe carinhosa, totalmente votada ao serviço dos filhos gerados no seu ventre, faz parte da própria natureza. O amor destas boas mães brota do próprio sangue. Porém, ser mãe a 100% dos filhos que não nasceram da sua carne é obra d'Aquele que é o AMOR. Só a natureza não explica. Oh missão sublime! É Deus e a Igreja que se revelam no amor maternal.

Estes testemunhos são necessários para o anúncio do Deus verdadeiro. Nesta hora grande para Angola, a Igreja penetrará no coração da Nação, na medida em que se apresentar como Mãe.

A propósito do Dia Internacional da Criança

A propósito do Dia Internacional da Criança e do Dia da Criança Africana, fizeram-se ouvir, com mais insistência, as vozes de altos responsáveis do País a favor dos Direitos da Criança da rua e das outras crianças. A Igreja tem um papel insubstituível neste campo social. É agora que se faz sentir a urgência da sua intervenção. É agora que o Poder político e a Nação manifestam uma sensibilidade peculiar a uma acção concreta, neste campo. Por esta janela, o poder e a Nação vêm e acreditam na Igreja. Não é a única, é certo. Mas é muito importante.

Depois da primeira infância no Abrigo dos Pequenos, ao cuidado da Igreja, os meninos passam para a Casa do Gaiato, definitivamente, sem mais mudanças. O convívio com os mais velhos, entretanto,

vai-se fazendo, ao longo do crescimento, com passeios em comum, festas simples, visitas. Até que chega a hora da mudança. O novo meio não é desconhecido. A adaptação, por isso, faz-se com mais facilidade. E a vida continua sem grandes sobressaltos.

As meninas, depois do Abrigo dos Pequenos, passam para o Lar de Santa Paula, ao cuidado das Irmãs Doroteias, onde se preparam para serem mulheres normais na sociedade. É uma Obra admirável, com fortes tradições na área social e educativa. É a presença da Igreja Mãe, junto das filhas que perderam a mãe de sangue. São estes grupos que, tanto quanto possível, se juntam nos fins-de-semana em convívio alegre e fraterno. É um fruto saudável da colaboração que desejamos cada vez mais efectiva. É uma expressão da unidade, com toda a força que comporta, numa altura em que a reconciliação nacional é a meta.

Estas notas foram escritas, pois, tendo como pano de fundo o mar imenso e a imensidão das crianças que nos devoram, na esperança de encontrar arrimo seguro para as suas vidas.

Padre Manuel António

Tribuna de Coimbra

As palavras cedem lugar às acções quando estas trazem na sua raiz o bem de todos

O enquadramento humano, espiritual e material de rapazes privados de família normal, constitui preocupação nossa; fundamental. As palavras cedem lugar às acções, sobretudo quando estas trazem na sua raiz o bem de todos. Em lugar nenhum o experimentamos como aqui. Quando falamos em segurança afectiva, de equilíbrio emocional ou acompanhamento psicopedagógico, fazemos imediatamente referência a acções concretas, a espaços vitais experimentados, a enquadramentos normativos. Furtamo-nos assim à leitura discursiva e meramente teórica.

O Padre Américo não nos deixou um manual de pedagogia. Toda a orientação do seu método parte da experiência adquirida no contacto com o rapaz da rua, com os Pobres. Dar a cada um a sua obrigação... Fazer-lhe sentir o gosto de comer o pão com o suor do rosto... São alguns aspectos emergentes do seu método — a arte de «fazer de cada rapaz um Homem». A própria concepção da Casa do Gaiato sugere essa orientação concreta: avenidas, espaços largos, jardins, sala de jantar, a escola e ao centro a Capela. O desenvolvimento harmonioso de cada rapaz, a tal segurança, equilíbrio, passam por aqui. A sala de jantar, a Capela, a escola são os tais enquadramentos vitais que diariamente falam alto ao gaiato como discurso entendível e concreto.

Balanco do ano escolar

No fim de um ano escolar, tempo vital sumamente importante na formação, não podemos fazer um balanço totalmente positivo. As contínuas reformas de ensino, as dificuldades que cada um dos nossos acarreta consigo, a ausência de projectos integradores, a sua exagerada dependência do mote político ou dos subsídios, geram em nós uma justa apreensão.

Não somos profetas da desgraça; queremos transmitir esperança, mas não ignoramos as dificuldades que se deparam para muitos dos nossos na sua integração social, cada vez mais selectiva, nomeadamente no vasto mercado do trabalho.

Vamos fazer obras

Vamos fazer obras na nossa escola. Temos em fase de acabamento um belo e funcional projecto. Esperamos, com esta renovação, colaborar numa escola mais ao serviço dos nossos. O tal enquadramento material, educativo, que há-de encontrar resposta também no pedagógico. Já que um e outro se condicionam reciprocamente. Tornar a escola num espaço mais apetecível e integrador. Quatro salas de aula; mais duas para o ensino especial, uma de exposições, mais uma de professores e outras infra-estruturas de apoio. Deus sabe o investimento que vamos fazer e por quem o vamos concretizar. Duvidar da Sua ajuda seria perjúrio. Por certo não faltará a de muitos Amigos na concretização deste tão belo projecto-enquadramento educativo.

Padre João

Um ano escolar difícil

O ano lectivo caminhou apressado para o seu fim. Foi um ano muito difícil atendendo às circunstâncias que a lei escolar criou e à impunidade com que se publicam leis que contêm no seu seio germens de marginalização social. Os resultados não foram maus para os que andam no liceu e ciclo. Embora tivesse tido promessas orais de que nenhum seria excluído devido à idade, ninguém se quis comprometer por escrito. Veremos o que nos vão reservar as matrículas...

Mas o ano também está a terminar para a Catequese. Queremos formar homens, mas homens na totalidade do seu ser onde a abertura ao divino seja possível e a experiência vital do Crucificado-Ressuscitado esteja presente. Assim, estes dois últimos domingos de Junho foram de grande festa em nossa Casa: No dia dezoito o Crisma; no dia 25

ENCONTROS em Lisboa

Baptismos e primeira Comunhão.

Ao longo de todo este ano houve treze rapazes da nossa Casa, com mais de dezasseis anos, que iam à paróquia preparar-se, uma vez por semana, para o Crisma. Desejámos que fizessem essa preparação na paróquia porque é a unidade base da organização da vida religiosa e, ao mesmo tempo, puderam confrontar as suas experiências de fé com as experiências de fé de outros cristãos que não estão na Casa do Gaiato e que também procuram acertar com o caminho de suas vidas. Creio que só estes elementos e o assumi-los na sua consciência leva a uma melhor integração futura na vida cristã das nossas comunidades. Deixo aqui os nomes: Zeca Abílio, Isidoro, Virgílio, Joaquim Pedro, Nuno Gregório, Nelson, Miguel Angelo, Pedro

Alexandre, Renato, Daniel, Carlos Castilho, Guedes e Nuno Alexandre. Só Deus conhece o coração do homem. Resta-nos pedir ao Espírito Santo que os ilumine nos caminhos difíceis das suas vidas em desenvolvimento.

Formar homens na totalidade do seu ser

Foram baptizados sete. Também têm direito ao nome aqui no jornal já que a fotografia se atrasou: Bruno Delgado, Ricardo Augusto, António Ricardo, Victor Jorge, Bruno Santos, Carlos Alberto e o nosso mais pequenino, o Alexandre. Que bonitos que estavam e que bonitos ficaram com a água derramada em suas cabeças! Novos filhos tem a Igreja e compete a toda a Igreja cuidar deles. Que com a nossa oração e o nosso

exemplo os ajudemos a crescer como homens e como cristãos.

Pela primeira vez aproximaram-se do Pão da Vida um grupo de onze rapazes: Carlos Passana, Luís Miguel, António, Victor Pedro, Hugo Pereira, Luís Prazeres, João Oliveira, Sandro, Hugo Bruno, Bruno Delgado, Ricardo Augusto. Era o Pão da Vida que estava presente no altar. A promessa do Senhor: — *Quem comer deste pão viverá para sempre.* Com que esperança e amor olhamos os nossos rapazes e fazemos uma prece para que nenhum se perca.

Esta vida, nestes dois últimos domingos, à volta do altar, senti mais leve o peso do dia-a-dia. Estivemos com o Senhor, o Senhor esteve no meio de nós.

Que Ele sempre permaneça connosco.

Padre Manuel Cristóvão

PASSO A PASSO

O I. E. F. P. esqueceu os nossos rapazes...?!

NO ano passado, alguns dos nossos rapazes que terminaram o Ciclo Preparatório, foram inscritos em cursos de formação do Instituto de Emprego e Formação Profissional, os quais durariam três anos e lhes daria equivalência ao 9.º ano da escolaridade obrigatória. Começaria em Janeiro do corrente ano, disseram-nos.

Chegou Janeiro e os cursos não começaram. Vamos a meio do ano e não há previsões para começar. Os rapazes perguntam, nós perguntamos; mas quem vai ministrar os cursos também não sabe. Alguém saberá ou esqueceram-se de nós?

Este nós engloba certamente muitos outros jovens do País inteiro. São os da Casa de Lisboa à espera, somos nós, em Paço de Sousa, e quantos mais?

Vamos procurando ocupar os rapazes, dando-lhes outras oportunidades. É uma ocupação laboral, é um

curso por correspondência, mas a paciência deles é pouca para esta espera. Será este o nosso futuro? Ficar à espera na dependência dos outros?

Não! Não creio. Uma outra experiência diz-me que temos mãos e meios para avançar. E coração! Foi um curso de informática, bastante equilibrado, que se nos ofereceu ao pé da porta. Muitos inscritos. Muita vontade de aprender e igual vontade de ensinar. Fui fazer a inscrição para cinco dos nossos. Os senhores da empresa que vão orientar o curso nada aceitaram. Quem pagou foi o amor à Obra e ao Pobre. Tocou-me profundamente.

Que grande responsabilidade para os rapazes! Eu tremo porque sei que somos fracos. Eles vão participando e nós atentos para que não ponham pé em ramo verde. Um deles é o chefe do grupo. Quer andar depressa demais em vez de acompanhar os outros. Assim

não se conduz, a vida não pode ser competição mas colaboração. De outra forma fica-se só, ou cercado por um bando de hipócritas. É preciso morrer pelos outros — «se o grão de trigo cair à terra e não morrer, fica ele só. Mas se morrer dá muito fruto».

Nem todas as sementeiras o são de facto. Algumas mais parecem colheitas...

Quem está disposto a ir semear, a chorar, para à volta vir a cantar, trazendo os molhos de espigas? Os senhores daqui perto disseram-me: — *É com muito gosto que oferecemos o curso à Obra porque temos muita admiração por ela...* Junto com a satisfação vi a dor nos seus rostos!

Padre Júlio

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho: 73.000 exemplares.